

Com Simonsen, economia não muda de guru

A escolha do ex-ministro Mário Henrique Simonsen como seu principal conselheiro para a economia dá uma idéia dos planos de governo de Fernando Collor de Mello desde sua eleição. Com essa opção, Collor demonstra ter pelo menos uma coisa em comum com o atual ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, que também tem no professor Simonsen seu consultor preferido. Há um ano o ex-ministro ajudou a formular o Plano Verão e agora está auxiliando o presidente eleito a definir seu projeto para a economia.

A aproximação de Collor com Simonsen data de pelo menos dois meses e o responsável é o empresário Joaquim Baby Monteiro de Carvalho, ex sogro do presidente eleito e um dos principais articuladores de sua candidatura nos meios empresariais. As conversas entre os dois intensificaram-se depois da eleição, quando Collor teve pelo menos três encontros com o ex-ministro, mais de dez horas de discussão. Líderes empresariais que vêm acompanhando esse *namoro* dizem que Simonsen é o "tutor" de Collor para a economia — assunto do qual ele está afastado desde que se formou na faculdade de economia da Universidade de Alagoas, há quase 20 anos.

O último encontro entre Collor e Simonsen ocorreu na quinta-feira passada, em Brasília. O ex-ministro também continua mantendo contatos com o ministro Maílson da Nóbrega, com quem conversou pelo telefone ao menos uma vez na semana passada. A competência de Simonsen também é apreciada pela assessora econômica do presidente eleito, Zélia Cardoso de Mello, que não se opõe à sua eventual escolha para comandante da política econômica do próximo governo. "O ministro da Economia pode ser até o Simonsen,

desde que se disponha a cumprir o programa anunciado por Collor na campanha", disse Zélia há três semanas, em Brasília.

O papel de Simonsen no governo Collor, entretanto, deverá se limitar ao de orientador informal do presidente, segundo previsão de amigos do ex-ministro. O cargo de membro do conselho do Citibank, um dos maiores credores do Brasil, seria o principal empecilho de Simonsen para assumir alguma função no próximo governo. Além disso, ele também não se encaixa no figurino de ministro da Economia anunciado várias vezes por Collor durante a campanha: um economista disposto a priorizar a área social, que não pertença à escola ortodoxa e não tenha participado de governos do regime militar. Além de ser um dos expoentes da doutrina econômica ortodoxa no Brasil, Simonsen foi ministro da Fazenda no governo Geisel e do Planejamento no governo Figueiredo.

Além de orientar Collor, Simonsen também vem atraindo economistas sediados no Rio para conversas com a equipe do presidente eleito, ajudando-o a romper as resistências na área acadêmica. Dois desses economistas participaram do primeiro dos dois encontros de Simonsen com Collor na semana passada: o ex-diretor do Banco Central, André Lara Rezende, e Daniel Dantas, dirigente do Banco Icatu, da família Almeida Braga. Amigos de Lara Rezende, que foi um dos pais do Plano Cruzado, asseguram que ele não aceitará cargos no governo Collor.

A presença de Daniel Dantas na futura administração é apontada como certa. Outro nome do Rio cotado para integrar o governo Collor é o do presidente do Banco Interatlântico, José Luiz Miranda, ex-diretor do Banco Central, da família Monteiro de Carvalho. Por causa dessas ligações, seu nome é incluído nas especulações para a presidência do Banco Central, cargo que quase ocupou na época da escolha de Maílson da Nóbrega para o Ministério da Fazenda, em janeiro do ano passado. (M.L.A. e T.B.)